

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 84p.

Resenha crítica do livro *A vida não é útil*

Maria Graciema Falcão Lobão¹

No livro *A vida não é útil*, publicado em 2020 pela editora brasileira Companhia das Letras, o escritor, filósofo, ativista e líder indígena Ailton Krenak apresenta reflexões profundas sobre o modo como a sociedade contemporânea tem se relacionado com a Natureza e a vida no planeta Terra desde o surgimento do sistema econômico capitalista, além de tecer críticas pertinentes, e por vezes severas, à própria ideia de humanidade.

Com 84 páginas na versão *e-book*, a obra está dividida em 05 capítulos, sendo que cada texto foi elaborado a partir de um compilado de entrevistas, conversas, falas e *lives* concedidas entre os anos 2017 e 2020 por Krenak, nas quais o autor propõe, dentre outros paradigmas, a necessidade urgente de descolonizar o pensamento e o modo de se viver.

No primeiro capítulo, denominado “Não se come dinheiro” e elaborado a partir de fala, *live* e entrevista concedidas pelo autor, Krenak critica duramente a ideia de humanidade como “sal da Terra” e dona do planeta. Na visão do filósofo, tudo tem valor na Natureza, não apenas aquilo que serve ao ser humano. Para o ambientalista, a lógica da exploração e da dominação capitalista, que enxerga a Natureza como mero recurso a ser usado, é a principal causa de crises ambientais, da destruição do planeta e do afastamento da humanidade da própria vida.

É neste primeiro capítulo que encontramos a crítica mais severa do autor à ideia de humanidade. Para Krenak, elegeu-se a humanidade como uma casta privilegiada, a qual o autor chama de “clube exclusivo”, sendo que tudo o que está fora deste clube seria uma sub-humanidade e, portanto, estaria largado à margem do caminho. Trata-se, portanto, de uma afronta direta de Krenak ao antropocentrismo, que, segundo ele, não vislumbra a Natureza e toda a sua

¹ Advogada formada pelo Centro Universitário do Pará (CESUPA) em 2007 e desde 2023 cursando Licenciatura em Letras - Língua Inglesa na Universidade Federal do Pará, campus Bragança. E-mail: maria.lobao@braganca.ufpa.br.

biodiversidade como algo a se conviver em equilíbrio, mas como algo a ser explorado e consumido até a sua completa exaustão.

Também neste primeiro capítulo, o filósofo afirma que a humanidade vive um verdadeiro “estado de adiamento”, pois está desconectada com a Natureza e focada exclusivamente na acumulação material e na ideia de progresso, que ele vê como um grande mito criado pelo capitalismo. Para o escritor, a própria pandemia de COVID-19 resultou do modo como se deu a inserção da humanidade na biosfera: não reconhecendo a Terra como um organismo vivo do qual fazemos parte. Para Krenak, então, a ideia de humanidade como existe hoje não é parâmetro de qualidade algum porque destrói a Natureza, a si mesma e toda vida não-humana que dela faz parte.

O segundo capítulo, nomeado “Sonhos para adiar o fim do mundo”, apresenta uma analogia dos sonhos com a experiência de uma consciência coletiva e comunitária, em que as tradições dos povos originários possuem ligação direta com a subjetividade de cada indivíduo. Neste sentido, não daria para separar a existência coletiva da individual, pois, assim como os sonhos afetariam o mundo sensível, as experiências coletivas também afetariam as experiências individuais.

Igualmente, Krenak persiste na crítica à noção de humanidade, afirmado que, diferente dos outros animais, o ser humano acredita estar predestinado a algo. Sobre esta ideia, o autor resgata a sabedoria da etnia Krenak, para a qual a criatura humana é “precária” e, por isso mesmo, haveria uma maior afinidade desse povo com os rios, as pedras, as plantas e demais seres não-humanos. Para o autor, se os seres humanos fossem realmente especiais, “não estariámos hoje discutindo a indiferença de algumas pessoas em relação à morte e à destruição da base da vida no planeta” (Krenak, 2020, p. 26).

Ainda neste capítulo, o filósofo resgata o entendimento de que, para alguns povos, corpos humanos estão intrinsecamente conectados com todos os tipos de vida na Terra, razão porque não estariamos dissociados de seres não-humanos. Por este motivo, o autor insiste que a inserção da humanidade na biosfera tem que acontecer de outra maneira: com o nosso próprio corpo. Para Krenak, “vamos ter que produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo e nele podermos habitar” (Krenak, 2020, p. 28).

Em “A máquina de fazer coisas”, terceiro capítulo do livro, Krenak reforça o entendimento de que a responsabilidade ambiental deve ser assumida coletivamente por sociedades e governos, ao invés de ser reduzida ao indivíduo. O autor não desqualifica a consciência pessoal (que até considera importante), porém enfatiza que essa consciência só ganha potência quando se conecta a uma luta coletiva por mudanças estruturais. Caso isso não ocorra, todos os esforços individuais serão em vão: o fato de trocarmos uma geladeira que consome mais energia e emite mais gases de efeito estufa na atmosfera por outra mais “ecológica” não impediria que continuássemos “furando o teto do céu”, numa clara alusão do autor à destruição da camada de ozônio.

Assim, por mais conscientes e éticas que sejam nossas escolhas pessoais, elas não têm força para, sozinhas, enfrentar um sistema global de exploração, consumo e destruição em massa da Natureza, uma vez que a devastação ambiental é resultante de um modelo econômico e civilizatório baseado no crescimento ilimitado e na exploração dos recursos naturais. Não basta, portanto, mudar hábitos individuais: é preciso transformar estruturas sociais, econômicas e políticas que sustentam essa lógica destrutiva.

Sobre esta lógica, a descrição de ser humano como “máquina de fazer coisas”, neste terceiro capítulo, é uma metáfora muito bem engendrada pelo autor para a dialética capitalista e neoliberal, na qual o poder de cooptação do sistema capitalista é tão grande “que qualquer porcaria que anuncia vira imediatamente uma mania” (Krenak, 2020, p. 36).

Ainda a despeito dessa lógica, o capitalismo busaria transformar tudo em mercadoria, inclusive a própria vida: nunca vivemos tanto, no sentido de usarmos a ciência e a tecnologia para permanecermos por mais tempo na Terra. Mas a qual custo? Neste ponto, Krenak afirma que, embora o vírus da COVID-19, o SARS-CoV-2, tenha sido considerado pela humanidade “uma praga que veio para comer o mundo” (Krenak, 2020, p. 37), para o autor, a verdadeira “praga” que veio para devorar o mundo é a própria humanidade.

Contudo, apesar da dura crítica, o filósofo nos concede um fio de esperança ao nos convocar para habitarmos na Terra de maneira harmoniosa perante tudo o que nela existe. Para Krenak, precisamos vislumbrar a nossa interação com o planeta tal como os povos tradicionais e

originários ainda vislumbram: que somos uma parte muito pequena, um microcosmos, de um organismo muito maior, que é a Terra. De acordo com o autor, a nossa proximidade com essas narrativas é o que nos tiraria o medo e o preconceito de convivermos em harmonia com os seres não-humanos, bem como o que tornaria possível experimentarmos a vida cotidiana sem nos rendermos ao terrorismo do consumo frenético e predatório.

No penúltimo capítulo, intitulado “O amanhã não está à venda”, o ambientalista inicia o texto não apenas lamentando a pandemia de COVID-19 e o número de mortos mundo afora, mas a comparando com o isolamento vivenciado por sua aldeia em decorrência da destruição do rio Doce, no estado de Minas Gerais, em razão das tragédias ambientais ocorridas com o rompimento das barragens da mineradora Samarco em Mariana (2015), e da mineradora Vale em Brumadinho (2019). Nesse capítulo, Krenak também faz críticas pertinentes ao presidente do Brasil à época, Jair Messias Bolsonaro, cujas declarações sobre a manutenção da atividade econômica, na concepção do autor, banalizaram a vida.

O autor volta a afirmar que precisamos abandonar o antropocentrismo, pois vivemos “numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos” (Krenak, 2020, p. 47). Krenak não se considera parte dessa humanidade, mas de uma sub-humanidade que foi esquecida e onde muitos vivem numa grande miséria. Essa sub-humanidade, que o filósofo exemplifica como sendo composta de caiçaras, indígenas, quilombolas, aborígenes, ribeirinhos etc., é uma camada mais rústica e orgânica porque está agarrada à Terra e não consegue se imaginar desatrelada da Natureza.

Além de criticar a ideia antropocentrista de ser humano como medida de tudo, que ignora a interdependência com outras formas de vida, o escritor propõe que se reverta com urgência a hierarquia que coloca a humanidade no topo e o resto da vida como mero recurso. Ao invés de enxergarmos a Natureza como mero objeto, deveríamos, segundo o autor, romper com a ideia de progresso linear e predatório, reconhecendo e valorizando outras formas de conhecimento.

Por fim, no quinto e último capítulo, que recebe o mesmo título do livro, Krenak apresenta a metáfora mais interessante do texto: que o capitalismo e o consumo desenfreado deixarão “marcas” profundas no planeta, tal como pegadas na terra, mas cujos rastros não serão possíveis de apagar.

Para o autor, se pisássemos suavemente na terra, isto é, se nos relacionássemos com o planeta de forma respeitosa e consciente, viveríamos em harmonia com o meio ambiente, evitando a destruição de tudo que existe em nome do lucro ou do consumo excessivos. Pisar suavemente na terra, portanto, seria viver com menos impacto, mais cuidado e mais sentido de pertencimento ao planeta, em oposição à ideia de progresso destrutivo.

Essa ideia também remete a uma postura de humildade diante da vida, que precisa ter valor por si mesma: conforme reconhecemos a fragilidade da nossa existência, abandonamos a ideia de que tudo precisa ser produtivo e útil. Caminhar pela terra de forma leve e sem deixar cicatrizes profundas, para que as futuras gerações também possam usufruir da vida em harmonia com os outros seres, é um ensinamento presente em várias cosmologias indígenas.

É também nesse derradeiro capítulo que o autor condena a naturalização do consumo e do modo de vida ocidental desde a infância, a partir da replicação da lógica capitalista e como se essa fosse a única experiência possível, inclusive nas escolas. Para o ambientalista, “o que chamam de educação é, na verdade, uma ofensa à liberdade de pensamento, é tomar um ser humano que acabou de chegar aqui, chapá-lo de ideias e soltá-lo para destruir o mundo” (Krenak, 2020, p. 58).

Mais adiante, Krenak faz uma crítica contundente ao modelo de sustentabilidade amplamente difundido, chamando-o de “vaidade pessoal”. Segundo ele, esse é um conceito que acabou sendo apropriado pelo próprio sistema econômico que destrói a Natureza, a partir do recurso retórico do capitalismo verde.

Para o escritor, ao invés de questionar o modelo de vida capitalista, a sustentabilidade costuma ser apresentada como uma forma de continuarmos consumindo, só que com o discurso de reciprocidade com a Terra. Não à toa, o termo virou um *slogan* usado por empresas, governos e instituições para manter a aparência de preocupação ecológica. Contudo, o discurso se torna contraditório à medida que não é possível crescer economicamente sem, de alguma forma, destruir o planeta.

Após se questionar “por que insistimos em transformar a vida em uma coisa útil?” (Krenak, 2020, p. 60), Krenak compara a nossa relação com a vida a um peixinho num oceano: para o peixinho, o oceano é a própria vida, daí que nunca lhe ocorrerá que o oceano tem que lhe ser útil. “Mas nós somos o tempo inteiro cobrados a fazer coisas úteis” (Krenak, 2020, p. 61), diz o autor. E continua sua narrativa afirmando que “o pensamento vazio dos brancos não consegue conviver com a ideia de viver à toa no mundo, acham que o trabalho é a razão da existência.” (Krenak, 2020, p. 62).

O livro *A vida não é útil* é um verdadeiro manifesto de Ailton Krenak contra o olhar funcional e instrumental da vida, que mede o valor de tudo pela utilidade. Para o imortal, a vida tem valor intrínseco, independentemente de servir a algum propósito econômico. Ao denunciar a mentalidade de utilidade da vida como fruto da colonização e do capitalismo, Krenak nega veementemente o trabalho e o consumo como medida do valor humano.

Para o líder indígena, precisamos “parar e experimentar a vida como um dom e o mundo como um lugar maravilhoso. O mundo possível que a gente pode compartilhar não tem que ser um inferno, pode ser bom” (Krenak, 2020, p. 62). Precisamos, mais do que nunca, ter a coragem de atravessar o deserto.

Ailton Alves Lacerda Krenak, nascido em 1953, é um líder indígena, ambientalista, filósofo e escritor brasileiro, pertencente ao povo Krenak de Minas Gerais. Tornou-se conhecido nacionalmente na Assembleia Constituinte de 1987-1988, ao pintar o rosto de jenipapo em protesto pela falta de direitos indígenas. Atuou em movimentos socioambientais, fundando organizações como a União das Nações Indígenas. É autor de livros como *Ideias para adiar o fim do mundo* e *A vida não é útil*, que refletem sua visão crítica da modernidade. Em 2023, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL), tornando-se o primeiro indígena a ocupar uma cadeira na instituição.

Recebido: 30/09/2025

Aprovado: 11/10/2025

Publicado: 27/12/2025